

*O INTEGRALISMO E OS INTELECTUAIS BRASILEIROS: ASPECTOS DE UM PENSAMENTO COM RAÍZES NACIONAIS (1932-1937)*

Alexandre Blankl Batista<sup>1</sup>

A presente pesquisa está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a orientação da Professora Dra. Carla S. Rodeghero. Na impossibilidade de apresentar um quadro mais amplo do que foi pesquisado até agora, e mesmo pelo fato de a pesquisa estar em andamento, preferimos abordar apenas alguns aspectos e problemáticas presentes em nossa temática trabalhada no curso de Mestrado. A temática geral de nosso trabalho é a apropriação das idéias de certos intelectuais brasileiros (Alberto Torres, Oliveira Viana, Euclides da Cunha e Farias Brito) por Plínio Salgado. Aqui, entretanto, apresentaremos alguns elementos que podem nos ajudar no estudo dessas apropriações de idéias, como a noção de herói de Salgado e a possibilidade de considerar fases distintas no pensamento do líder integralista.

*A TRAJETÓRIA PESSOAL DE SALGADO E O ENCONTRO COM OS “HERÓIS DA PÁTRIA”*

Apesar de a Ação Integralista Brasileira (AIB), primeiro movimento de massas do Brasil, criada em 1932, ser conhecida e identificada como “fascista”, ou, pelo menos, identificada como um movimento de extrema direita, comparada, dessa forma, às correntes políticas autoritárias de origem européia, verificamos na AIB a presença de um pensamento com raiz nacional, oriundo de certos intelectuais brasileiros, importantes para a orientação doutrinária dos integralistas. Tal pensamento de raiz nacional foi transmitido ao movimento por Plínio Salgado, líder da AIB, e era buscado, principalmente, nas obras de Alberto Torres, Oliveira Viana, Euclides da Cunha e Farias Brito.

Para Plínio Salgado, cada um desses intelectuais carregava virtudes grandiosas, motivo pelo qual suas biografias e suas contribuições escritas foram inúmeras vezes mencionadas por ele como sendo a fonte de inspiração para a criação do integralismo. Entretanto, a referência que Plínio Salgado buscou nesses autores brasileiros foi anterior ao ato de criar este movimento de extrema direita. Diante disso, podemos notar nos escritos de vários momentos da trajetória intelectual de Salgado a menção às idéias desses intelectuais, o que evidencia, antes de uma referência para o integralismo, um elemento importante para

a constituição de seu próprio pensamento. Este raciocínio pode instigar uma problemática interessante, principalmente se considerarmos o contraste entre as idéias de Plínio Salgado e aquelas de outros dirigentes integralistas. Não podemos generalizar e classificar o integralismo como doutrina homogênea em relação às idéias. Um exemplo disso é a distinção que encontramos entre Gustavo Barroso, que pregava abertamente o anti-semitismo, e o próprio Plínio Salgado, para quem o anti-semitismo não era motivo de preocupação. O dirigente maior do integralismo preferia ressaltar a valorização das diversas raças presentes no Brasil, posição semelhante à de Alberto Torres em *O Problema nacional brasileiro*.<sup>ii</sup>

Assim, preferimos analisar a apropriação de Plínio Salgado em relação aos intelectuais anteriormente mencionados, considerando suas idéias e suas biografias como referência para o dirigente máximo do integralismo antes do que, propriamente, para a AIB, movimento que envolveu um manancial mais amplo de conceitos e idéias. Isso não significa, no entanto, que o integralismo ficará à margem dos objetivos de investigação de nossa pesquisa. A personalidade, em diversos momentos, conciliadora de Salgado, que dizia desejar ser apenas um ideólogo, mas que, ao mesmo tempo, conquistou o carisma de chefe desse movimento, indica um caráter ambíguo que acompanha toda sua trajetória intelectual.

Plínio Salgado, antes da constituição da AIB, já tinha em mente muitas das concepções que o integralismo iria adotar. Salgado sempre fez questão de ressaltar as origens da AIB, movimento, segundo ele, de raízes nacionais e preocupado com os problemas brasileiros. Essa visão, a qual denominaremos de “visão oficial”, não foi questionada apenas em âmbito acadêmico, com os estudos que apontaram a AIB como “fascista”. Alguns jornais de época e os discursos dos inimigos políticos dos integralistas eternizaram o cunho de “fascista” para referirem-se ao movimento.

Não era difícil identificar traços semelhantes entre o fascismo italiano e o integralismo brasileiro. Ambos pregaram acirradamente a bandeira do nacionalismo; posicionaram-se como uma via alternativa frente ao liberalismo e ao comunismo; tinham milícias organizadas e um chefe que centralizava o comando. Além disso, havia a

semelhança na ritualística e no uso de uniformes. Suas vestimentas apresentavam o verde como cor predominante, os integralistas eram conhecidos como camisas-verdes, congêneres à designação da *camiccia nera* dos fascistas de Mussolini ou da camisa parda adotada pelos nazistas. Apesar disso, Salgado negava a influência fascista, admitindo ser o seu movimento um co-irmão do partido europeu, porém apenas concernente à organização estatal.<sup>iii</sup>

Já na década de 1930, havia duas visões a respeito do movimento: a daqueles que o observavam de fora e a daqueles que absorviam o discurso oficial através da imprensa integralista e dos livros de Plínio Salgado. Essa última, a “visão oficial”, legitimaria a raiz nacional da AIB e daria voz aos pensadores nacionais no seio do discurso do principal dirigente integralista. Caberia, então, investigar como esses pensadores eram utilizados no discurso de Salgado, através de escritos do mesmo, para assim melhor analisar a explicação segundo a qual o integralismo foi um movimento de raízes eminentemente nacionais. Da mesma maneira, seria preciso levar em conta a identificação já comentada de características fascistas no movimento, não nos deixando induzir, assim, pela “visão oficial”.

Um ponto de partida para identificar a presença dessa raiz nacional, sem dúvida, pode ser a recuperação de alguns aspectos da trajetória pessoal e intelectual de Salgado antes do lançamento do manifesto de 1932 que oficializou a criação da AIB. A sua trajetória pessoal indica alguns traços interessantes que mostram indícios de suas concepções políticas e intelectuais. Desde o início de seus estudos políticos, Plínio Salgado mostrou uma certa ambigüidade: quando começou a interessar-se pelo materialismo não abandonou o catolicismo; mesmo quando se dedicou aos romances não abandonou o ideal político, por vezes dispensável em obras de literatura; se interessou pelo herói mas hesitou em internalizar o posto de condutor das massas; negou o fascismo mas o reconheceu como um partido que tendia a se transformar naquilo que era o seu ideal de movimento político. Todas essas posturas ambíguas podem apontar para uma certa tendência de mediador por parte de Salgado, fator que se refletiu enquanto dirigia a AIB.

Plínio Salgado nasceu na cidade de São Bento de Sapucaí, em 1895, interior de São Paulo.<sup>iv</sup> Em meio à agitação cultural da década de 1920 e ao clima de reformulação política e social da década de 1930 é que se forjou o seu pensamento político. Autodidata, Salgado era leitor voraz. Apesar de apreciar os clássicos estrangeiros da literatura, insistia que a intelectualidade brasileira deveria se voltar para os autores nacionais. Esse apreço por pensadores brasileiros pode ser relacionado com seu forte nacionalismo e com o impacto que alguns desses autores lhe causaram em determinados momentos da sua vida.

A admiração de Plínio Salgado pelas questões da pátria, pelos heróis nacionais, pelo civismo e pela política, de acordo com as reminiscências do próprio, começou ainda em âmbito familiar. Sua formação moral e cívica foi tutorada pelo avô, pela mãe e, principalmente, pelo pai, Francisco das Chagas Esteves Salgado, autoridade política de São Bento de Sapucaí. A convivência com seu pai, no entanto, foi curta, pois o mesmo faleceu quando Salgado tinha apenas quinze anos. Apesar disso, foi o suficiente para que o futuro líder integralista internalizasse as lições a respeito dos “heróis da pátria” e “do sentimento de brasilidade”. Somado aos ensinamentos do pai, às lições da mãe, Salgado lembrava dos ensinamentos provenientes de literatura. Assim Salgado foi encaminhado pelas vias do civismo e do culto aos “heróis nacionais”:

Desde a escola primária e, posteriormente, nas férias do ginásio, habituei-me, todas as noites, a sentar-me numa cadeira, com perguntas engatilhadas, e a ouvir-lhe as respostas, que ele [o pai] me dava passeando de um lado para outro da sala. Ouvi de seus lábios as descrições das batalhas da guerra do Paraguai e do Prata. Aos meus olhos perpassavam as figuras de Tamandaré e de Barroso, de Caxias, de Osório, de Argolo, Falava-me dos grandes vultos do Império: Paranhos, Cotegipe, Zacarias, Nabuco, e tantos outros. (...) À minha mãe, mais versada em literatura do que ele, deixava as lições sobre os poetas e escritores. Ela trazia de cor os versos de Gonçalves Dias, de Castro Alves, de Fagundes Varela e de Casimiro, e não se limitava a recitá-los, pois também me contava as biografias de tão ilustres brasileiros.<sup>v</sup>

Esse estímulo ao conhecimento e ao engrandecimento dos “heróis” e dos escritores, certamente, repercutiu na trajetória intelectual de Plínio Salgado. Se buscarmos as diversas referências que Salgado fazia em seus escritos sobre personalidades como Osório, Caxias e Tamandaré, além dos poetas como Casemiro de Abreu ou Castro Alves, perceberemos

que ele considerava as “personalidades” da história e da literatura como exemplos concretos dos valores herdados pelos brasileiros ou, em síntese, verdadeiros “heróis nacionais”. Podemos identificar, em um primeiro momento, que o herói era o responsável pelos grandes feitos, aquele que daria uma contribuição para o crescimento da pátria. As referências aos líderes militares como Caxias e Osório serviram para o Brasil em um tempo mais distante do presente. A renovação desses valores deveria ser feita, principalmente no início dos anos trinta, quando o Brasil, segundo Salgado, necessitava de referências para guiar os brasileiros e criar uma idéia de nação. Curiosamente, Salgado alimentou essa admiração pelos heróis desde criança até o nascimento da AIB, estando esse elemento presente em sua trajetória intelectual.<sup>vi</sup> Dessa forma, a influência familiar parece ter incitado Salgado ao gosto pelas fontes brasileiras e ao interesse pela política.

Plínio Salgado atuou inicialmente como o organizador do movimento integralista, e a Ação Integralista Brasileira funcionou no início como um grande centro de estudos sociológicos. Tendo como objetivo instaurar um novo regime, o movimento propunha que as massas o fizessem. Para fazê-lo, no entanto, seria necessário um sentimento comum e uma mentalidade nova. Nesse sentido, o movimento tomaria a iniciativa de divulgar e incentivar essa nova mentalidade. Eis a tarefa inicial da AIB, movimento que, na data de criação, ainda não dispunha oficialmente de um “Chefe Nacional”.

Durante os primeiros tempos de sua trajetória intelectual, além de ter sido guiado pelo nacionalismo familiar, quando tomou gosto pela leitura e pelo sentimento de exaltação aos “heróis”, Plínio Salgado ao longo do tempo se instigou com as teorias materialistas, ganhou experiência profissional como jornalista e escritor, estando sempre perto dos acontecimentos marcantes na área cultural, como exemplifica seus interesses nos intelectuais brasileiros e nos movimentos contemporâneos a sua geração, como, por exemplo, o movimento modernista. O seu engajamento literário, antes de ser um interesse meramente cultural ou de autopromoção, refletiu sempre suas preocupações com o destino e o futuro da pátria nacional. Em outras palavras, seu engajamento literário esteve sempre mesclado com seu engajamento político. Em última instância, essa característica literária

também foi herdada para a sua doutrina, expressa na AIB, especialmente no início do movimento, quando foram promovidos, até mesmo, cursos de formação política e sociológica para os membros aderentes do integralismo.

A despeito de a AIB ter sido criada em 1932, foi somente depois de fevereiro de 1934, após o congresso integralista de Vitória (ES) que se definiram as diretrizes do movimento, as quais delegavam plenos poderes a Plínio Salgado, estabelecendo que os atos do chefe eram inquestionáveis no exercício de suas funções. Segundo os Estatutos do chefe nacional, expressos no órgão oficial de divulgação da AIB, o *Monitor Integralista*,<sup>vii</sup> a função do chefe era considerada perpétua e a centralização era tal que todos os departamentos funcionariam sob o seu poder e tomariam as posições, em última instância, segundo a decisão do chefe nacional.

A centralização do poder sobre o movimento integralista colocou-o, de certo modo, em situação desconfortável. Antes de ser chefe da AIB, Salgado sempre manteve a postura de um ideólogo e não de um homem de ação. O fato de ser líder do movimento não lhe convinha de início, mas, ao longo do desenvolvimento do integralismo, sua postura como chefe provisório foi se consolidando na posição de chefe permanente e, após o congresso de Vitória, o lugar de Plínio Salgado como dirigente absoluto dos camisas-verdes foi assegurado e mantido até a extinção da AIB em 1937 com o golpe do Estado Novo.

Segundo Hélgio Trindade, nas discussões mais polêmicas dentro da AIB, Plínio Salgado cumpria, muitas vezes, um papel de intermediador dos debates mais acirrados. Ele assumia, desta forma, uma postura mais flexível nas decisões a serem tomadas em relação ao cumprimento de determinadas tarefas:

Salgado define *seu papel* segundo um duplo critério. Defende a rigidez da chefia em matéria doutrinária, ao mesmo tempo que postula a flexibilidade nas decisões dirigidas à ação. Esta concepção significa, na realidade, uma racionalização do papel do chefe adaptada à sua personalidade mais de doutrinador e agitador político do que de homem de ação.<sup>viii</sup>

Dessa forma, Salgado racionalizava sua tarefa de chefe, em função de sua personalidade de doutrinador, cumprindo esse duplo critério que assegurava seu comando no plano doutrinário, mas que lhe tirava poderes de decisão no plano da ação. Isso

evidencia que o seu comando era legitimado pela sua trajetória de intelectual, de homem de idéias. A sua imagem, de homem capaz de guiar as massas rumo à revolução integralista, e estimulada pela propaganda da AIB, o transformou em verdadeiro herói dentro do movimento. Contudo, apesar dessa imagem de herói, de salvador da pátria que os integralistas edificaram de sua personalidade, ele insistia que a alavanca do movimento deveria ser dada pela constituição de uma nação brasileira. O nacionalismo, segundo o líder dos integralistas, era a verdadeira força que o Brasil necessitava.

Em várias cartilhas integralistas, notamos que o nacionalismo dos camisas-verdes se traduzia, segundo eles, no culto aos heróis nacionais, ou seja, aos vultos históricos, poetas e escritores que contribuíram para o engrandecimento do país. Isso vai ao encontro da noção de herói traduzida por Salgado e, pelo que conhecemos de sua biografia, implica afirmar que o nacionalismo do principal dirigente integralista se refletia também nesses pensadores, poetas e heróis nacionais. A questão a saber é: como que Salgado avaliava sua posição de chefe tendo em vista essa dubiedade do herói: o doutrinador (ou teórico) versus o homem de ação? E, em relação aos pensadores que foram referências para ele (Alberto Torres, Oliveira Viana, Euclides da Cunha e Farias Brito), qual o estatuto que Salgado dava a eles e como os relacionava com o posto de chefe do integralismo e com suas facetas de intelectual e de condutor das massas?

Essas questões podem nos ajudar a compreender melhor a presença e o alcance das contribuições desses intelectuais no pensamento de Plínio Salgado, na constituição de seu modelo doutrinário e na sua ação política na prática. Isso não implicaria, no entanto, aceitar a “visão oficial” sobre a índole do movimento integralista, mas, antes disso, buscar compreender a inserção dessas fontes nacionais no integralismo de Plínio Salgado.

Dessa forma, estamos preocupados com uma fase “pré-integralista” de Salgado, em que procuraremos identificar a problemática concernente ao seu ideal de herói e às suas primeiras menções em relação às “grandes figuras” da pátria nacional correlacionadas aos intelectuais brasileiros anteriormente citados, os quais ele insistentemente afirmava serem a fonte de inspiração para o integralismo. A pesquisa, até agora, permitiu-nos verificar uma

apropriação das idéias desses autores por Plínio Salgado em que o líder integralista os aproximava com sua visão política particular. Assim, temos uma hipótese de trabalho de que Salgado, principalmente após a criação da AIB, utilizava as idéias e, até mesmo, as biografias desses intelectuais para legitimar a raiz nacional da doutrina integralista. No entanto, algumas idéias apropriadas de maneira muito particular e a falta de homogeneidade no pensamento das lideranças da AIB indicam um manancial mais complexo dessas supostas referências nacionais do integralismo, os quais podem se distanciar das idéias dos intelectuais brasileiros mencionados.

Cabe então, nos passos seguintes da pesquisa, avaliar como se constituiu essa apropriação das idéias daqueles intelectuais brasileiros por Plínio Salgado. As fontes utilizadas, até o momento, foram os livros de Plínio Salgado escritos na década de 1930 e suas notas políticas do jornal *A razão* de São Paulo, em 1931. Por enquanto, é possível vislumbrar que aqueles intelectuais eram referidos como verdadeiros heróis, os exemplos a serem seguidos pelo povo brasileiro. Um exemplo que poderia refletir também na figura da liderança política de Salgado, principalmente por ele ter adotado as idéias desses intelectuais.

---

<sup>i</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História na UFRGS.

<sup>ii</sup> TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933 [1ª ed. De 1914]

<sup>iii</sup> SALGADO, Plínio. *O sofrimento Universal*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1934, pp. 105 a 110.

<sup>iv</sup> Os dados da trajetória de Salgado aqui mencionados foram retirados de: TRINDADE, Hégio. *Integralismo. O fascismo brasileiro da década de 30*. Porto Alegre: DIFEL/UFRGS, 1974; ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Totalitarismo e revolução. O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988 e BRANDI, Paulo. Verbete: Plínio Salgado. In: ABREU, Alzira e BELOCH, Israel et al. (coords.). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro (Pós-1930)*. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, vol. V, pp. 5195-5206.

<sup>v</sup> SALGADO, Plínio. *Sentimentais*. In: *Obras Completas*, Editora das Américas, 1954. Volume XX. p. 304-305.

<sup>vi</sup> Idem.

<sup>vii</sup> Estatutos da AIB, *Monitor integralista*, maio de 1934.

<sup>viii</sup> TRINDADE, Hégio. Op. cit., p. 175.